

Meu caro Sérgio,

acabo de ler o seu artigo "Branco sobre branco". E resolvi fazer as seguintes citações, à maneira de carta, levando apenas pelo muito apêndice que dedico ao mestre.

Diz V.: "Esta (uma lúcida vigilância do espírito) não poderia ~~mas~~ praticar-se facilmente por intermédio do verso livre de longo fôlego, que corresponde tantas vezes, ora a uma expressão amorfa e mal elaborada, ora a simples exigências declamatórias".

Parece-me que, de início, há um desvio de sua atitude crítica, que sempre me pareceu - e de fato é - o de argumentar pelo valor positivo e real de cada argumento. A negação do verso livre, de de longo fôlego, apenas disfarçada pelo "tantas vezes"- como um tipo de estrutura de verso que não permita uma "lúcida vigilância do espírito"- é injusta. Esta participação da inteligência - no exato e perfeito sentido que V. assinalou no final de seu artigo - será efetuada sempre, em qualquer tipo de verso, desde que seja característica do poeta esta necessidade. Melhor: desde que o poeta sinta esta necessidade para bem realizar, e à sua maneira, o poema.

Esta observação de um estudioso da questão poética - amparada tanto na leitura de poetas quanto de ensaistas, e sem dúvida em muita noção adquirida através de seus artigos - não quer estabelecer polêmica, mestre Sérgio. Mas V. mesmo deve saber de cor muito verso livre onde se percebe o trabalho exaustivo da inteligência, em que transparece esta lúcida vigilância do espírito.

§

Mas o argumento que segue o anterior é que me deixou ainda mais perturbado: " E ainda menos por meio de determinados esquemas formais exteriores - o do decassílabo, por exemplo, ou o do alexandrino - que devendo submeter a seu jugo toda sorte de sentimentos e idéias, tende a situá-los num terreno indiferenciado e neutro."

A pesar de desnecessária, por ser V. o sujeito que é, quero afastar uma suspeita: a de que discordo de sua argumentação pelo fato de ter escrito dois livros de poemas "dentro de determinados esquemas formais exteriores".

V. sem querer - ~~meu querido~~ digo sem querer em nome de toda a crítica que V. tem feito - reduziu o problema da forma ao de fôrma. Estaria inteiramente de acôrdo com V. se o poeta que se utilizasse da "armação métrica" procedesse impelido tão somente pela sedução

ao decassílabo em si mesmo, ou ao alexandrino, ou ao septassílabo, etc. Mas, a meu juízo, o que existe é coisa bem diversa, e porventura muito mais trabalhosa, no sentido mesmo de trabalho de inteligência, de conquista da expressão exata. A concisão não está no número de palavras do verso, mas na face de cada palavra empregada no verso. Um alexandrino, ou um verso livre de duas quebras na bitola da página, pode ser muito mais conciso do que um pentassílabo, ou um verso de uma única palavra.

Está certo que o nosso grande Cabral é dono de uma forma rígida e concisa, alcançada à custa de muito labor da inteligência. Mas não me parece que estas suas qualidades resultem do tamanho do verso que ele habitualmente realiza; ao contrário: a sua "idéia", o seu "sentimento" é que encontram naquele tipo de verso a sua expressão inteira e justa. Rígida e concisa é a poesia de Facó, para lembrar um autor citado por V., e todavia é praticada dentro de "esquemas métricos exteriores". O cearense seu amigo fica à vontade tanto na sextina quanto no alexandrino, ou na redondilha.

Creio inclusive, Sergio, que houve mais trabalho e há maior mérito artístico, no poema metrificado em que o poeta não se alimentou do "entulho acumulado na vala comum das formas feitas", do que no poema realizado em verso livre, e de curto fôlego. Mais, porque além da escôlha exata da palavra que informe integralmente o seu pensamento, além de dominar a sintaxe mais adequada ~~para~~ através da qual o seu "sentimento" circule - existe ainda a preocupação (quase sempre inconsciênte no poeta em que o ritmo é uma imposição) do ritmo elegido. Elegido e necessário. Mas nisso não vai nenhuma idéia que desdenhe os que trabalham e alcançam expressão tão própria quanto bela, praticando o verso livre.

Falei em expressão própria, virtude inegável de João Cabral. E para que eu me faça bem dono de minha posição, direi o que V. aprendeu quando eu nem era nascido: ela é característica do grande poeta, tanto ele pratique a "forma brevilínea" quanto o alexandrino, ou o "verso livre de longo fôlego".

Valéry e Mallarmé, os prediletos de Cabral - e também nossos - são os poetas que sabemos, e no entanto, realizaram a sua obra poética, em quase toda a sua inteireza, utilizando-se de esquemas formais exteriores. a pesar do "Un Coup de Dés".

§

Bem, que fique claro o seguinte: tenho a maior admiração pela poesia e o trabalho de João Cabral. Como é enorme a admiração que tenho por V. Não discordo, ao contrário acho inteiramente merecido o seu louvor à obra deste poeta. Discordei foi de uma posição que sem querer V. pareceu assumir.

Um abraço do

Itiágo de Mello

— Já lev os originais do novo livro de Pedro Octávio?